

Luta para manter padrão de vida

O arquiteto Dieter Wolfgang Brockhausen, 44 anos, teve pelo menos duas vantagens sobre as gerações mais novas. Uma infância sem nenhum registro de problemas inflacionários na família e uma adolescência onde só não conseguiu comprar um carro e uma lancha. Dos problemas causados pela inflação de 91,6% no último ano do governo Goulart (64), Dieter lembra-se de apenas um, em sua família: o pai precisou vender uma casa para viver naqueles anos agitados.

Apesar de terem sido melhores os anos vividos pela geração de Dieter, ele afirma que uma geração anterior à sua teve ainda melhores conquistas. Sua mulher, Sandra Dias, psicóloga, explica: "Há 20 anos, uma pessoa em plena maturidade profissional conseguia, com o seu trabalho, comprar uma boa casa, por exemplo. Hoje, ninguém consegue. Tenho uma clínica, sou psicóloga há 15 anos. Dieter tem 25 anos de experiência profissional e agora uma empresa própria. Nós dois, juntos, não conseguimos comprar a casa que queremos".

Para eles, não há outra explicação: os preços sobem a tal velocida-



Domício Pinheiro

Os Brockhausen: criatividade

de que a luta hoje é para manter o atual padrão de vida. Essa luta, o clima de ansiedade, a insegurança são tão intensas que Dieter afirma: "Apesar de a inflação ter nos atingido mais duramente a partir de 74, temos a sensação de que vivemos com inflação a vida toda". Foram os anos tranqüilos que permitiram a Dieter dedicar-se à escola de Belas Artes e começar a desenvolver sua criatividade. E, segundo ele, é a criatividade que o faz conviver com a inflação. Criar, para ele, é ter o

ânimo para não se abater diante das dificuldades: "Em 1980, precisávamos de mais espaço para as crianças. Uma casa custava Cr\$ 40 milhões. Não podíamos pagar. Mas o apartamento ao lado, custava Cr\$ 7 milhões. Não hesitamos. Compramos, derrubamos nós mesmos as paredes e fizemos um belo espaço para a família".

A família Brockhausen é um bom exemplo de que a inflação obriga a todas as classes sociais a enxugarem seus gastos. Apesar da boa renda do casal, gastos com quantidades foram suprimidos: "Ficamos com a qualidade, tanto na alimentação como na educação". E é a busca da qualidade que faz Sandra transpirar nos supermercados. "Não é possível acreditar na velocidade dos preços", afirma.

Dieter viveu várias épocas de inflação e viu nascerem e desaparecerem várias moedas: "Comprei doces com mil réis. Vi o cruzeiro, o novo cruzeiro, o cruzeiro voltar, o cruzado. Vi desaparecerem pelo menos 15 zeros da nossa moeda, em três reformas monetárias. Mas, sinceramente não me lembro de crise mais séria". Na família, essa crise obrigou a redução de gastos com lazer, viagens e férias. Na empresa, leva ao absurdo de reduzir para sete ou dez dias, no máximo, o prazo dos orçamentos.

No entanto, apesar de todos os problemas provocados pela inflação, Dieter não teme o futuro: "Se você disser a qualquer pessoa fora do Brasil que nossa inflação pode ficar em 500% ao ano, imaginam que somos todos miseráveis. E nos convivemos com esse índice". Para ele, a palavra chave do Brasil é criatividade. É a única forma de vencer ou conviver com a inflação.